

UM EXEMPLO DE VIDA

Uma homenagem à nossa mãe, avó, bisa, tia,
madrinha, comadre, amiga, ... a Dona Odete



Este livrinho foi compilado e organizado pelo seu filho

Celso Afonso Brum Sagastume

Autor dos Livros:

A Busca da Felicidade através das Relações Humanas

Reflexões sobre a Vida

Vencendo a Morte – Uma análise filosófica

Para saber mais, faça uma pesquisa na internet ou entre em contato

E-Mail: celsoabs@plugnet.psi.br

AGRADECIMENTO E DEDICATÓRIA

No meu primeiro livro “A busca da Felicidade através das Relações Humanas”, lançado em 1999, eu fiz o seguinte agradecimento:

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais, Afonso Cândido Sagastume (*in memoriam*) e Odete Brum Sagastume, que deram o impulso inicial na minha vida; me ensinando, desde o início, os melhores caminhos a serem trilhados.

No meu livro “Reflexões sobre a Vida”, lançado em 2006, eu fiz a seguinte dedicatória:

DEDICATÓRIA

Dedico este livro à minha mãe, Odete Brum Sagastume, que do auge dos seus 85 anos não se cansa de apreciar as crianças, as flores, os jardins, os pássaros, o sabor de uma fruta... que participa de um coral; que vai em bailes e festas, e ainda não perdeu a capacidade de sorrir.

Se não se cuida como deveria, também não deixa a vida passar sem aproveitar o que é possível de ser aproveitado. Quando lhe digo que tal alimento não lhe faz bem, ela me diz que não vai durar pra sempre e que quando o seu dia chegar ela está pronta pra partir. Enquanto isso, ela não perde as oportunidades que a vida lhe oferece.

Celso Afonso Brum Sagastume
Primavera de 2005

Este livrinho reúne textos que escrevi ao longo dos últimos anos e alguns que escrevi agora – depois da morte da mãe. Eu pretendo reunir, neste trabalho, outras histórias e depoimentos de pessoas que conviveram com a minha mãe durante a sua vida.

Se você é uma pessoa que teve a oportunidade de conviver com a Dona Odete e quiser colaborar com este trabalho, por favor entre em contato. Obrigado!
Fones: (0..55) 8464-5408 (Oi) ou 8161-5350 (Tim) E-Mail: celsoabs@bol.com.br

SUMÁRIO:

UMA SÍNTESE DA BIOGRAFIA DA DONA ODETE
UM DIA DE VERÃO
ONTEM NÓS FOMOS AO CIRCO
MAIS UM DIA PERFEITO
“VIVER É CORRER RISCOS”
O DIA EM QUE LEVEI MEUS AFILHADOS PARA JANTAR
É POSSÍVEL SER FELIZ SOZINHO
VIVENDO E APRENDENDO
MAIS UM ANJO QUE PARTIU
UMA CASA MAIS VAZIA
SUPERANDO A DOR DA PERDA
RESPINGOS DE VIDA
UM ANO DE AUSÊNCIA
QUEM SABE VIVER, NÃO MORRE JAMAIS!
NESTE ÚLTIMO DIA DE FINADOS, EU NÃO FUI AO CEMITÉRIO
DEUS É QUEM SABE...
HISTÓRIAS E DEPOIMENTOS SOBRE A DONA ODETE...

UMA SÍNTESE DA BIOGRAFIA DA DONA ODETE

Odete Kruell Brum é filha de Alcides Alves Brum e Lídia Kruell Brum – pequenos agricultores que viviam no interior do município de São Sepé.

Nasceu no dia 24 de março de 1920, no 5º Distrito (Tupancy).

Antes dela, vieram os irmãos: Kido, Armando, Miroca, Cecy e Odite; depois nasceu Dulce – a irmã mais nova.

A pequena Deti, se criou brincando com bonecas de pano (que ela mesmo fazia), ajudando na cozinha, trabalhando nas lavouras e cuidando da criação...

Quando em idade de escola, veio morar na cidade com a tia Tulina – onde ajudava na lida da casa. Estudou até a 5ª série – único curso que era oferecido em São Sepé, em escola pública, naquela época.

Em 24 abril de 1940 casou-se com Afonso Cândido Sagastume (Keno) – ela com 20 anos e ele com 30. Deste casamento vieram os filhos: Abegai, Sérgio, Lídia Estela, Rosa Maria e Celso Afonso

As meninas morreram quando criança e o último filho veio quando ela já tinha 43 anos.

Dos filhos vieram os netos:

Giovani e Luciano – filhos de Abegai e Eronilda

E Maria de Lurdes (Malu) – filha de Sérgio e Lurdes.

Dos netos vieram os bisnetos:

Luani e Juan – filhos de Giovani e Luciane

e Gian – filho de Giovani e Janaimá

Do casal: Luciano e Fabiane, veio a Laurinha

Na década de 50, além de criar os filhos, cuidar da casa e ajudar nas lavouras, hortas e criações, ainda ajudou a cuidar da sogra – já idosa.

Na década de 60, depois da morte da sogra, e ainda com um filho pequeno, passou a cuidar da própria mãe – que em 1969 completou 90 anos.

Na década de 70, depois da morte da mãe (em 1974), passou a cuidar do próprio marido – já idoso e doente.

Em 1987 perdeu o marido e, para não ficar sozinha, passou a abrigar, na sua casa, moças que vinham de fora para estudar no colégio em frente – já que o filho mais moço estava em Santa Maria... Neste período, abrigou muitas meninas que hoje a consideram como uma segunda mãe.

Sempre gostou de bailes e festas. Logo depois de casada, o casal participava dos eventos da sociedade de São Sepé – foram sócios fundadores do Clube do Comércio.

No final da década de 90 – já com quase 80 anos e sem o marido – redescobriu o gosto pelas festas quando, junto com um grupo de amigas, começaram a organizar as domingueiras. Antes disso, já participava da ginástica e do coral – atividades promovidas pelos grupos da Melhor Idade, que estavam se organizando na época. Chegou a ganhar uma homenagem especial do Coral Vertente de Prata por ser a mais idosa da turma e também foi escolhida como uma das princesas de um baile da Melhor Idade.

A Dona Odete sempre gostou dos dias de sol; e não se cansava de admirar as flores e as crianças. A Dona Odete gostava, também, dos filmes do Carlitos, do Mazzaropi, do Teixeirinha, dos desenhos da Cinderela, de filmes sobre animais, de ouvir as piadas da Dercy, ...

Esta foi a Dona Odete, que no auge dos seus 90 anos ainda não tinha cansado de viver e aproveitar a vida da melhor maneira: um dia de cada vez e todos os dias um pouco mais...

No dia 27/03/10 Odete Brum Sagastume comemorou seus 90 anos bem vividos e recebeu uma grande homenagem dos filhos, netos, bisnetos, sobrinhos, parentes e amigos (veja, no final deste, a lista de presentes...).

No dia 09/06/13 a Dona Odete nos deixou órfãos de sua presença. Mas permanecerá sempre em nossas boas lembranças. Partiu como um anjo; assim como um anjo viveu. É a única pessoa que eu conheço que teve um único defeito: ser boa demais. Ficamos com a saudade, mas com o consolo de saber que sua partida foi em paz – como um sono tranquilo.

Então, que este anjo descanse em paz, enquanto nós retomamos nossas vidas, procurando seguir o seu exemplo.

E sempre que pensamos nela, agradecemos, mais uma vez: Obrigado Dona Odete, por tudo de bom que nos deu e nos deixou.

UM DIA DE VERÃO (na vida da Dona Odete)

(Sábado, 7 de janeiro de 2006)

8:15 da madrugada, me acordo com o barulho da mamãe indo ao banheiro. Rezo pra ela voltar pra cama, mas ela liga o chuveiro... A Dona Odete – minha mãe – tem 85 anos, e atualmente estamos morando sozinhos no apartamento. Quando eu voltei pra casa, depois de concluir o curso de engenharia em Santa Maria em 1999, eu pensei que ia ser provisório – até que me encaminhasse na vida – mas acabei ficando... No tempo que eu morava em Santa Maria a mãe alugava um quarto para moças que vinham estudar na cidade – mais para ter companhia do que pelo dinheiro. Quando eu retornei de Santa Maria eu pude conviver com algumas delas – sem problemas. Bem...

Atualmente eu não posso deixar ela sozinha, mas a preguiça de levantar hoje me fez deixar ela ligar o fogão sozinha. Quando eu levantei ela já estava na cadeira-de-balanço com uma caneca na mão e um biscoito na outra. Rezinguei com ela, como de costume, algo sobre ela ter levantado muito cedo – eu prefiro sempre levantar antes dela – e fui para o banheiro de mau-humor. Volto à cozinha e ligo o rádio – mais pra ela do que pra mim – mas hoje (sábado) não dá pra agüentar a programação... Pego o jornal, arrumo meu café, ligo o computador e coloco uma seleção de MPB a tocar. Enquanto tomo o café passo a vista no jornal – nada que me interesse, como sempre. Troco a água dos beija-flores – outro entretenimento para a Dona Odete – e vou tentar colocar em dia a correspondência atrasada. Enquanto a mãe está quieta fazendo crochê, eu tô tranqüilo. Mas ela não pára quieta muito tempo, e lá vou eu ver o que ela está aprontando... está agüando as folhagens.

- Cuidado para não molhar o chão! – advirto.
- Não *seje* bobo! – ela retruca.

Lá pelas 11:00 a mãe já está se revirando na cadeira e tenho que sair atrás quando ela vai pra cozinha. Tá na hora do mate (chimarrão) e de fazer a comida. Lá vamos nós ‘brigar’ com as panelas.

Depois de tudo pronto, volto ao computador e comemoro a última mensagem lida. Perto do meio-dia, o computador me avisa que terminou o expediente. Ligo a TV e vou me servir. A mãe já está com o prato na mão.

- Cuidado pra não se sujar! – advirto.
- Não *seje* bobo! – ela retruca.

Depois do almoço a mãe vai sestar e eu vou continuar o meu trabalho.

Ainda assisto o Jornal Hoje antes de ir sestar. A minha sesta na verdade é um momento de leitura – às vezes eu dou uma cochilada, às vezes não. Mas sempre estou de olho (ouvido) na Dona Odete, que às vezes salta antes da hora e inventa alguma coisa pra tirar o meu sossego.

15:30 mamãe toma café e sai a passear pelos vizinhos – é hora da minha folga...

De volta em casa, eu tomo uma ducha, tomo café e já está quase na hora de levar a Dona Odete na missa de Sábado. 18:50 deixo ela na frente da igreja e dou mais uma volta até a hora de buscar a mãe.

20:00 é hora da nossa janta, aproveito para ver o Jornal Nacional e saber como anda o mundo...

Normalmente, sábado depois da janta, eu ligaria o computador para entrar na internet, mas hoje o calor está demais para agüentar dentro de casa. Pego o violão e vou pra praça. A mãe fica vendo a novela com o ventilador.

– Não inventa nada, enquanto eu estiver fora! – advirto.

– Não *seje* bobo! – ela retruca.

Volto pra casa e encontro a Dona Odete ‘me esperando’ – ela costuma ir pra cama umas dez horas, mas aquele dia resolveu ficar mais um pouco... Depois que ela já foi deitar, ligo o computador e acho inspiração para começar a escrever esta crônica.

A televisão mostra um filme que já vi, ou não me interessou muito...

Mais de meia-noite eu me deito, faço mais uma leitura até que o sono venha, daí apago a luz e durmo com o ruído leve do ventilador.

Este foi apenas mais um dia comum de verão na vida de um escritor e sua mamãe idosa.

ONTEM NÓS FOMOS AO CIRCO

Nem lembro da última vez que fui num circo – daqueles de lona, que acampam nas periferias das cidades – acho que eu ainda era criança... Pois ontem levei a minha mãe – que tem 85 anos – para assistir um espetáculo de circo. Se quando eu era criança ela me levou no circo, hoje sou eu que faço o mesmo pra ela.

Meu medo era de que os circos estivessem ‘agonizando’. Num mundo de alta tecnologia, onde os videogames e computadores são os sonhos de consumo das crianças, parece não haver mais lugar para mágicos e palhaços. Mas a minha surpresa, e alegria, é que encontrei o circo tomado de crianças – e até alguns adultos que usaram os filhos como desculpa para reviverem os momentos mágicos que só os circos conseguem revelar.

O circo era de quinta categoria, mas mesmo assim deu pra rir e se emocionar com certas apresentações – que são velhas conhecidas, mas que ainda emocionam como se fosse a primeira vez que a víssemos. Desta vez eu fiquei menos preocupado em descobrir onde o mágico escondia coelhos e pássaros e fingi que era pura magia mesmo.

Talvez a maior emoção não viesse das apresentações no picadeiro, mas dos olhos e dos sorrisos das crianças – mesmo das crianças que já passaram dos 80 anos, mas que ainda não perderam a capacidade de se maravilhar com um simples espetáculo de circo.

No mundo que eu sonho, as pessoas vão ter tempo, dinheiro e disposição para não perder a oportunidade de assistir um show, um teatro ou um espetáculo de circo. Porque estes eventos dependem do público, e se o público não prestigiar eles vão morrer; e se eles morrerem o que restará para nos tirar da clausura de nossas casas?

MINHA PRIMEIRA GRANDE PALESTRA

Dia 15 de julho de 2006 eu fiz a abertura de uma palestra sobre Planejamento Familiar para umas 100 pessoas. O convite partiu do doutor Luiz Armando Barrios – responsável por um programa de planejamento familiar em São Sepé. Foi a maior palestra que proferi até então.

O melhor de tudo é que o pessoal gostou – inclusive os médicos que trataram da parte técnica.

E a mãe foi junto para prestigiar – sempre que possível, eu levo ela nestes eventos porque além dela gostar, eu posso ver que ela não está fazendo ‘arte’, em casa, sozinha.

MAIS UM DIA PERFEITO

Domingo, dia 14 de setembro de 2008. Acordei com os reflexos dos raios do Sol furando a cortina da minha janela. Olhei o rádio-relógio que piscava, indicando uma queda de energia... Pelo brilho do sol, deduzi que seria umas 9:00. Mais um belo domingo de sol e eu não tinha nada planejado para aproveitar o dia...

Virei para o lado e pensei no meu primeiro compromisso de domingo: achar um destino para a Dona Odete (a mamãe) – que já está com seus 88 aninhos, mas ainda não se cansou de Viver.

Não demorou muito e ela saltou da cama. E lá vou eu preparar o café – faço questão de não deixar ela mexer no fogão sozinha.

Domingo de sol a Dona Odete quer passear; e o melhor destino é passar o dia na casa de alguma conhecida dos velhos tempos... Depois de alguns telefonemas, achamos um destino. Pegamos a estrada rumo a uma comadre que aguardava a visita – mesmo com esta idade, a mamãe caminha bem e vai longe; devagar e sempre...

Depois de cumprir minha obrigação fui planejar o meu destino.

15:00 subi na bike rumo ao “Alto do Posto” – um dos pontos mais altos do município, de onde se tem uma boa vista da região.

Para chegar lá, escolhi uma estrada secundária – que vai cortando campos, coxilhas e matas. Devido as chuvas recentes, em alguns pontos a água brotava da terra. Em outros pontos deu para ver a cidade ficando para trás, ao longe, e muito verde pela frente...

No topo, deu pra ver até onde a vista alcança – e mais um pouco, com o binóculo... No horizonte, as montanhas azuis formam uma parede até o infinito; enquanto o Sol brilha num céu limpo de nuvens. O dia frio não resistiu ao calor do sol; e a brisa equilibrou a temperatura deste fim de inverno com jeito de primavera – onde as flores brotam por toda parte e os pássaros festejam mais um belo dia de sol.

Por volta das 18:00, deixei a bicicleta em casa e fui buscar a Dona Odete.

Cortei um campo para pegar um atalho e ainda pude vislumbrar um belo pôr-de-Sol e o nascer da lua cheia – que formava uma enorme bola de prata, ampliada pelo horizonte.

Fizemos a pé os mais de 1.000 metros que separam o nosso apartamento da casa da comadre – na volta é descida e a Dona Odete ainda gosta de caminhar... Chegamos em casa perto da hora da janta e logo em seguida a mamãe já estava pronta para ir à domingueira – um baile do grupo da terceira idade. Deixo ela no baile com a turma e volto pra casa para dar mais uma navegada na internet...

Depois do Fantástico – que assisto enquanto navego – fui buscar a Dona Odete. E assim fechamos mais um dia perfeito; onde pudemos aproveitar cada minuto desde que saímos da cama.

Nem sempre o Sol está brilhando; e nem sempre os horários se encaixam perfeitamente; mas este é o nosso desafio diário: fazer o dia valer. Quando as coisas não dão muito certo, sempre nos resta a esperança de que os dias perfeitos também acontecem – mais cedo ou mais tarde. E nada como um dia atrás do outro...



Vó Odete com os bisnetos: Juan e Laurinha

“VIVER É CORRER RISCOS”

Fim-de-semana passado (30/08/09) eu pude, mais uma vez, provar desta máxima do Jung; e lhes garanto: quem nunca corre riscos, desperdiça o melhor da Vida.

Havia um passeio ecológico (trekking) previsto para domingo em Itaara – próximo a Santa Maria – e a minha mãe não estava bem de saúde. Como sou eu quem cuido dela (que tem 89 anos) fiquei na dúvida se deveria ir – deixando-a numa prima onde ela fica quando viajo – ou se ficaria o fim-de-semana em casa com ela. Não foi uma decisão fácil, mas eu sabia que nada poderia fazer, se ficasse, já que ela estava em observação antes de ser encaminhada a um serviço médico – se não melhorasse... Decidi, na última hora, ir para Santa Maria no sábado a tardinha.

No outro dia: o Sol brilhando e o céu azul convidavam para um passeio. Como previsto pela meteorologia, o clima estava perfeito!

Encontramos o grupo no local combinado e dali pegamos um ônibus urbano que nos deixou no ponto de onde iniciariamos a caminhada.

Eu já tinha conversado com o guia sobre o meu horário de ônibus para São Sepé e ele me disse que dava tempo. Mas, com o tamanho da turma (umas 30 pessoas) e pela dificuldade do terreno, acabamos atrasando bastante. O resultado é que agora estávamos bem atrasados e ainda precisávamos subir o morro por uma trilha muito íngreme – onde até uma corda foi ancorada para facilitar a subida... Aí eu comecei a perceber que não daria tempo de pegar o ônibus para casa e que eu não tinha, em mãos, o telefone da minha prima para avisar que eu estaria indo no outro dia...

Isso não seria um grande problema se não fosse o risco da mãe piorar e eu passar a ser visto como irresponsável; que deixou a mãe doente e foi passear em outra cidade...

Foi então que um dos guias me disse: “por quê tu não vai na frente, em vez de acompanhar o grupo?” Foi aí que me deu o estalo: se eu esperar o grupo não dá tempo mesmo, mas se eu for na frente... Só tem um problema: eu não conheço o caminho. Aí ele me deu as dicas necessárias e disse que não *tava* longe.

Subi o morro ultrapassando todo mundo e continuei pelo caminho indicado... Pedi umas informações, quando saí do mato, e, depois de um bom trecho, consegui chegar na parada de ônibus que me levaria para Santa Maria a tempo de pegar o último ônibus do dia para São Sepé. Tive que suar a camiseta e esgotar o fôlego – não parei de correr enquanto não cheguei na parada de ônibus – mas acabou dando tudo certo.

Não fosse eu correr alguns riscos, teria perdido um fim-de-semana perfeito para um passeio na natureza – o resultado está nas fotos...

Na quarta-feira seguinte, levei a mãe no médico e agora está quase tudo resolvido. Por isso é que eu continuo com o lema de “não perder as oportunidades que a vida oferece para Viver”, mesmo que para isso seja preciso correr alguns riscos, de vez em quando...

A Ceia de Natal de 2009 foi com a minha mãe e com meus afilhados do Projeto – com direito a muitos presentes.



O DIA EM QUE LEVEI MEUS AFILHADOS PARA JANTAR

Depois que terminei de organizar o Programa de Apadrinhamento Voluntário do Projeto Utopia Real, pude colocar em prática minha ação mais direta – já que há algum tempo levo alguma coisa para meus afilhados (biscoitos, bombons, balas...).

16/10/09 foi o dia em que levei meus afilhados – Charliane (14), Raiane (12), João Gabriel (9), Milena (7), Núbia (5), Marcos Vinícius (3) – para jantar lá em casa. Tocamos violão e vimos o pôr-do-Sol do terraço do prédio. Depois da janta assistimos um filme infantil (Tinker Bell) no DVD. Depois da ‘festa’ paguei um táxi para levá-los em casa.

As crianças são uma graça! (ver fotos no meu Orkut) Apesar de virarem um pacote de bolachas no tapete da sala, os estragos e prejuízos foram mínimos... Já os carinhos e abraços – inclusive na minha mãe (vovó de 90 anos), que estava junto – foram muitos.

Criança em casa é uma tragédia, mas tem suas recompensas...

Vamos fazer outras dessas, com certeza! Já estou com saudades...

Curiosamente, quando a gente se dispõe a ajudar a gente ganha muito mais do que dá. Mas nunca devemos esquecer que qualquer ajuda que não exija PARTICIPAÇÃO e RESPONSABILIDADE não é AJUDA. Por isso eu falei que não queria ver papel de bala no chão, e não vi; eu disse que as revistinhas, que dei de presente, não eram de nenhum deles, mas de todos, e que depois de ler emprestassem para os irmãos...

A Ceia de Natal de 2009 foi com a minha mãe e com meus afilhados do Projeto – com direito a muitos presentes (as fotos estão no meu Orkut...).

Em 2011, levei a mãe na Festa Junina da Fazenda dos Coqueiros, em Santa Maria – que foi um sucesso, como sempre! (Vejam as fotos e o vídeo da festa...)

É POSSÍVEL SER FELIZ SOZINHO

Depois de 16 anos ininterruptos passando a virada de ano no lugar mais perfeito para tal – no Sítio em Campo Bom com os Terríveis (ver texto: Minha primeira ‘Rebelião’ com os ‘Terríveis’) – neste ano (2012) não deu para ir.

Aconteceu que a mulher que ia ficar com a mãe (que tem quase 92 anos) adoeceu e ficou mais difícil de resolver todas as dificuldades que envolvem as minhas viagens mais longas – por isso não tenho feito muitas ultimamente. Coloquei tudo na balança (prós e contras: muito gasto para pouco tempo...) e decidi não ir desta vez. Seria o meu primeiro fim-de-ano em casa sem a companhia de pessoas tão especiais como os Terríveis, depois que os conheci – um teste para superar qualquer baixo-astral que poderia se abater sobre o meu ânimo.

Mas que baixo-astral, que nada! Mesmo estando absolutamente sozinho – já que a mãe foi deitar cedo (22:00) como sempre – a minha passagem de ano foi muito boa. Começamos, eu e a mãe, assistindo o Jornal Nacional – cujo assunto principal não poderia ser outro: as festas de fim-de-ano pelo Brasil e pelo mundo. E assim já entramos no clima de festa, mesmo que virtual – e daí? Depois do JN e da janta (com lentilha, para não perder o costume). Começamos a assistir o filme “Meia-noite em Paris” – que não é nenhuma maravilha mas dá para assistir; principalmente pela fotografia de Paris, pela música e pelas viagens no tempo, com algumas personalidades históricas da arte do início do século XX. A mãe foi deitar, no seu horário, e eu terminei de ver o filme sozinho.

De vez em quando, eu dava uma olhada na programação da TV – mas não tinha nada melhor do que os meus DVDs...

Perto da meia-noite eu liguei a TV novamente e pude assistir o início dos shows de fogos por várias cidades; também subi no terraço do prédio para ver os fogos, ao vivo, pipocando pela cidade... Voltei para a TV e terminei de ver os shows de fogos pelo Brasil – mesmo pela TV, estava uma beleza!

Descobri, mais uma vez, que é possível ser feliz mesmo estando absolutamente sozinho numa virada de ano. É bem verdade que uma boa aparelhagem de áudio e vídeo, um bom show em DVD e um violão na mão ajudaram bastante numa hora dessas...

Hoje, não dá pra reclamar da vida. Mesmo quando alguma coisa não dá certo, a gente sempre dá um jeito de ser feliz.

É por isso que eu digo sempre que o melhor está na nossa frente, se a gente não parar de andar...

VIVENDO E APRENDENDO

Continuo aprendendo com a minha mãe sobre como viver bem e ser feliz por quase nada...

Minha mãe tem 92 anos e mora comigo num apartamento de segundo piso. Há alguns meses eu levava ela para uma caminhada nas vizinhanças, quase todos os dias. Mas agora ela praticamente não pode mais andar; até dentro de casa, onde ela caminhava sozinha, eu tenho que ajudar. Além disso, ela passa a maior parte do tempo dormindo ou de olhos fechados; e mesmo assim, na maior parte do tempo, ela parece ser a pessoa mais feliz do mundo. Tudo tá bem e tudo tá bom. Se é hora de ir ao banheiro, ela diz “que bom, eu já tava querendo mesmo” – a última vez que eu levo ela no banheiro, antes de eu ir dormir descansado é lá pelas 3 da madrugada, depois só às 9:00 da manhã. Ontem, ela ainda brincou “a hora do xixi é sagrada”.

Quase ao meio-dia, eu tiro ela da cama para o café da ‘manhã’. Se tem sol, ela diz “que bom, vai ser um dia bom”. Se está chovendo, ela diz “é bom que chova para não fazer seca”.

E assim os dias passam, sempre com alguma coisa boa para a Dona Odete. Não precisa mais do que uma tarde de sol para que ela se sinta no paraíso, sentada na cadeira-de-balanço se aquecendo no sol de inverno. Também não é preciso de muito esforço para fazer ela sorrir – às vezes ela ri das próprias bobagens que diz...

Certa vez eu vi que ela estava mastigando alguma coisa e perguntei: o quê é que tu tem na boca? E ela prontamente me respondeu: os dentes! – e deu um sorriso pra me dizer: o que é que tu tem com isso...

Antes, ela passeava, lia, assistia alguma coisa no DVD, ... Agora ela come (bem, não muito), dorme (bem e muito) e vai ao banheiro mais ou menos de 4 em 4 horas. E, mesmo assim, não reclama de nada e acha tudo bom.

E eu que pensava que para a gente ser feliz tinha que viver intensamente – aproveitando cada minuto com alguma coisa interessante – agora eu sei que para a gente ser feliz basta viver bem; de bem com a vida.

Pois é, vivendo e aprendendo...

MAIS UM ANJO QUE PARTIU

(O dia em que a morte bateu lá em casa)

Dia 9 de junho de 2013. Um domingo como muitos outros. Depois dos meus compromissos com a mamãe – que tem 93 anos e está muito debilitada – resolvi dar uma caminhada na tarde – como sempre faço.

De volta em casa, depois do banho e já a umas 20:00 – hora do ‘jantar’ da mamãe – dei um pouco de iogurte com pedacinhos de banana para ela; que logo voltou a dormir, como tem feito nos últimos meses – ela tem passado a maior parte do tempo dormindo. Depois do meu compromisso, fui arrumar a minha janta, ver o Fantástico, navegar na Web... – coisas que eu geralmente faço num domingo de noite. Por volta das 22:00 eu dei uma olhada no quarto e a mãe estava “dormindo como um anjo” – felizmente ela sempre dormiu muito bem. Perto da meia-noite, como sempre faço, fui ver se estava tudo bem com a mamãe e foi aí que eu pude perceber que ela já tinha partido. Morreu dormindo e encerrou assim o seu destino da melhor maneira: com um mínimo de sofrimento. Fechou os olhos e partiu, deixando para trás um possível inverno frio e o inevitável sofrimento dos que estão vivos mas não podem mais viver.

Mamãe viveu tudo o que pode e que tinha direito; sempre com o meu incentivo para não perder nenhuma oportunidade. Enquanto pode caminhar: passeou; enquanto pode assistir TV: eu selecionei os filmes e desenhos mais adequados para ela ver, ou para a gente assistir junto; enquanto ela pode ler: eu selecionei os melhores livros, que ela poderia gostar; enquanto pode ir a festas: eu a levei... Mas, com o passar dos anos, a cabeça começou a dar sinais de que a festa tinha que acabar um dia; por mais que estivesse boa. O sono começou a tomar conta da cabeça cansada e o descanso passou a ser um bom momento: passou a ser melhor do que a própria festa. O corpo começou a pesar demais, enquanto as pernas fraquejavam, e o que restou, no final, foi uma cama aconchegante. Mas até mesmo a cama já estava começando a parecer dura e desconfortável. Nada mais poderia restar senão a esperança do sono eterno – talvez com sonhos coloridos, como as flores que tanto a encantaram... É o mínimo que este anjinho merece, depois de uma vida que por muito tempo foi dedicada aos outros: aos filhos, ao marido, aos doentes... Por muito tempo a Dona Odete foi mãe de muitos e muitas: filhas adotadas, parentes enfermos, netos e sobrinhas.

Hoje, uma chama de bondade se apagou. Mas vai permanecer acesa nos corações de todos aqueles que puderam conviver com este anjo de amor enviado por Deus; e que para Deus retorna com o seu dever cumprido.

O seu exemplo de mãezinha querida; de vovó de todos – pois é o que todos a consideravam: a vózinha querida, de cabelos branquinhos, como a pureza da sua alma – estes jamais vão esquecer do seu amor.

Descanse em paz, anjinho do amor – é o que nos resta dizer.

Nós, que aqui ficamos – principalmente eu que cuidei dela nestes últimos anos – teremos que aprender a viver sem o seu olhar doce e gentil; e sem o seu sorriso – que por vezes eu conseguia despertar através de alguma bobagem que eu dizia só para fazê-la sorrir.

Não vai ser fácil, mas mais difícil seria ter que vê-la sofrer sem poder fazer nada – pois a idade já estava pesando demais para ela, e seria muito triste vê-la agonizar antes do seu merecido descanso.

Felizmente ela partiu antes deste sofrimento atroz e inútil; e é por isso que eu não sinto tanto a sua partida; porque ela foi em boa hora.

Então, só me resta dizer, mais uma vez, que descanse em paz minha (nossa) mamãe querida!

PS: Para quem acha que eu fiz grande coisa em cuidar da minha mãe nestes últimos 10 anos eu posso dizer o seguinte:

1º, não foi nenhum sacrifício para mim; na verdade foi um privilégio ter a oportunidade de conviver tão próximo de uma pessoa tão fácil de se tratar e tão boa de conviver;

2º, o que eu fiz para ela não foi nem a metade do que ela fez por mim;

3º, todo sofrimento que ela passou nestes últimos anos – com problemas de saúde, que, felizmente, não foram muitos – eu sofri muito mais do que ela. E é por isso que eu não podia, e nem queria, vê-la sofrer.

Tenho certeza de que a grande maioria das pessoas tem este mesmo tipo de sentimento: tanto os pais não gostam de ver os filhos sofrendo como vice-versa; e isso também acontece com amigos, parentes e com todas as pessoas que amamos; e até mesmo com pessoas desconhecidas – só os psicopatas é que não sentem a dor dos outros.

Por isso é que não me considero nem um pouco especial ou digno de ser um exemplo – como alguns me falam que fui – porque o que eu fiz para a minha mãe, qualquer um faria o mesmo se estivesse no meu lugar.

A única coisa que eu fiz a mais – e que poucos fariam igual – foi escrever estas notas de memória; para que as pessoas que lerem possam também se emocionar – como eu me emocionei – e possam ter uma noção mais clara daquilo que é o mais importante na nossa vida.

Esta é a função do escritor; e foi isto que eu escolhi fazer para levar a minha vida.

UMA CASA MAIS VAZIA

Depois da partida da mamãe a casa ficou bem mais vazia. Às vezes, quando chega nas horas de refeição, eu lembro dela e me dá um nó na garganta... Mas, agora eu sei que ela não precisa mais dessas coisas... Respiro fundo e dou graças a Deus por ela não precisar de mais nada; de não estar exposta a qualquer tipo de desconforto ou possível sofrimento; por ela não se sentir mais presa a uma cama, sem poder fazer nada...

Tento transformar estes momentos de angústia em uma boa lembrança. Lembro de um sorriso, ou de uma bobagem que ela me dizia; e penso: como foi bom ter a sua presença... Estes detalhes não vão morrer nunca, em meu coração.

Todos os dias eu dou as minhas voltas; converso com pessoas e me distraio com alguma coisa. Mas, quando chego em casa, inevitavelmente percebo o vazio que ficou...

Não tenho dúvida de que a melhor forma de conviver com este vazio é achar o que fazer – e coisas para fazer é que não me faltam...

Então, é isso que eu faço: sigo em frente e procuro fazer valer a vida que a mamãe me deu. Sigo o exemplo da Dona Odete, que nunca se deixou abater pela morte dos próximos – por mais que sentisse as mesmas. Sigo aproveitando a vida no que ela tem de melhor: do que tenho e do que tive.

Hoje o céu está cinzento, mas amanhã, ou depois, tenho certeza de que o Sol vai brilhar outra vez; e os beija-flores vão voltar ao jardim deserto, onde as flores vão abrir novamente.

Em tudo está a presença do amor, que habita os nossos corações desamparados, pois a esperança não morreu, e nunca morrerá, enquanto fizer morada naquilo que tem VIDA.

SUPERANDO A DOR DA PERDA

Sempre que alguma coisa me lembra da mãe – e muitas coisas me lembram dela – eu sinto uma angústia por dentro; uma ausência que parece me fazer falta e que me machuca por dentro. Mas não deveria.

¿Se as lembranças são boas, por quê eu tenho que me sentir mal?

Eu acho que é uma questão psicológica de percepção: parece que eu só consigo perceber a falta e a ausência; e esqueço que, na verdade, neste tipo de lembrança, ela está é presente em mim.

Busquei mais informações sobre perdas no meu livro *Vencendo a Morte* – buscar informações é sempre bom para racionalizar, mesmo que sejam emoções.

Lendo mais sobre o assunto (A PERDA DE PESSOAS PRÓXIMAS) eu pude trazer as minhas emoções para a minha consciência. E tendo consciência do que se passa, eu passei a ver este tipo de lembrança não mais como uma ausência ruim, mas como uma presença boa.

Agora, toda vez que eu me lembro da mãe, não me dá mais dor nem angústia; me dá uma alegria de senti-la sempre por perto e saber que no passado pudemos conviver muito bem; tão bem que este passado é quase presente – na verdade, é um presente da memória.

Dizer que a minha mãe não está no cemitério, mas está dentro de mim, não é mais apenas uma metáfora poética; é a mais pura verdade, pra mim.

Acho que ter consciência deste tipo de ‘verdade’, poderá ajudar outros – que também tiveram grandes perdas – a mudar a sua percepção da perda: de uma ausência externa, para uma presença interna.

Não é tão fácil como parece, mas, não tenho dúvida de que é perfeitamente possível. É só tentar; e tentar de novo; e de novo...

Também descobri, um pouco mais tarde, que este pode ser um mecanismo psicológico que serve para nos dizer que a vida continua; e que ficar preso ao passado de uma pessoa que não está mais presente, sempre vai doer. As lembranças podem até ser boas, mas precisamos esquecer um pouco do passado para que possamos seguir em frente...

Escrevi isso para poder compartilhar a minha experiência com outros; pois espero que ela seja tão útil para os outros como esta sendo para mim.

RESPINGOS DE VIDA

Como eu já escrevi antes: **uma pessoa não morre quando o coração deixa de bater, mas quando deixa de Viver.** Em 2013 já fazia mais de um ano que a mamãe tinha deixado de viver um pouco a cada dia – como era de seu costume: passear todos os dias – mas ainda lhes restaram alguns respingos de vida, antes do seu coraçõzinho deixar de bater.

Os últimos pingos de vida da mãe foram no seu aniversário de 93 anos – em 24 de março de 2013, quando recebemos algumas amigas e parentes próximos para um chá com bolo naquela tarde – e, dias depois, com as visitas dos netos e bisnetos: Luciano e família; e, por fim, Giovani e família – este com o Gian de poucos meses, que ela achou bem gordinho ao pegar no colo.

Depois destes últimos respingos de vida, ela fechou os olhos e poucas vezes abriu de novo antes do seu último sono.

Hoje, 24 de março de 2014, eu lembro do seu sorriso ao receber os parabéns pelos seus 93 anos e do dia feliz que passamos...

Viveu feliz e morreu feliz.

Nada mais tenho a dizer.

UM ANO DE AUSÊNCIA

Dia 9 de junho de 2014: hoje faz um ano que perdi a minha mãe. Hoje o Sol se encontra na mesma posição que estava naquele dia...

A partir de hoje, talvez, não vou mais lembrar, quase todos os dias, de que a mãe gostava de se esquentar no Sol, quando o dia estava frio; ou o quanto gostava de passear no sol, quando podia caminhar.

A partir de hoje o Sol vai repetir uma ausência que se tornou presente na luz de cada dia.

As lembranças não serão as mesmas, mas a presença é para sempre – como o sol de cada manhã; como o Sol que se esconde na noite, para voltar, brilhante, em cada amanhecer.

Obrigado, mamãe, por esta luz...

QUEM SABE VIVER, NÃO MORRE JAMAIS!

Quando vemos uma pessoa jovem, que vivia plenamente a sua vida, partir inesperadamente, lamentamos por sua morte; lamentamos pelo tempo que esta pessoa poderia ter vivido; mas, geralmente, esquecemos de que esta pessoa viveu o tempo que lhe foi possível.

A morte não é nada diante de uma vida bem vivida. A morte é só um instante; enquanto que a vida é uma eternidade. Uma vida bem vivida deixa lembranças; deixa saudades; deixa lições para quem fica... Se alguém que partiu deixou saudades, esse alguém viveu, amou e foi amado. E quem deixa saudades não morre nunca; porque vive no coração e nas lembranças de seus entes queridos – de seus familiares e amigos.

Já disse um filósofo que “a morte só é ruim para quem fica”. Ficamos e lamentamos a perda – uma perda inestimável – mas não devemos esquecer, jamais, que a vida continua. Façamos de nossas vidas a continuação da vida dos que se foram. Vivamos através do seu exemplo e eles viverão em nós. Mesmo que às vezes pareça difícil continuar, é isso que temos que fazer. Não podemos decepcioná-los; temos que seguir em frente como se eles estivessem ao nosso lado, nos inspirando em nossa longa jornada...

A morte pode ser encarada como uma advertência para que aproveitemos nossas vidas da melhor maneira possível; para que não a desperdicemos com bobagens; com egoísmos estúpidos; com lamentações inúteis; pois a vida é agora e a morte só virá amanhã, ou depois... Portanto, não deixe para viver só amanhã. Viva cada dia como se você fosse eterno. Faça planos para o fim-de-semana; para as férias; para depois da formatura; para depois da aposentadoria... – fazer planos também é viver – mas não fique só nos planos, VIVA!

E quando uma pessoa que aproveitou bem a vida se for, não diga que ela morreu; diga que ela VIVEU! Pois: **QUEM SABE VIVER, NÃO MORRE JAMAIS!**

(Em memória dos amigos e amigas de sempre: Disconzi, Monteiro, Bella, Elvâni e Nara – e para a minha mãe, em 2013).

NESTE ÚLTIMO DIA DE FINADOS, EU NÃO FUI AO CEMITÉRIO

Acho a tradição do Dia de Finados importante para lembrarmos daqueles que já se foram. Também acho importante os rituais de levar flores, acender velas, essas coisas...

Eu, particularmente, não dou tanta importância para isso, mas acho que é muito importante para a maioria. Geralmente eu até vou no cemitério, no Dia de Finados; dou uma olhada nos túmulos, nas fotos, faço minhas orações... mas este ano eu não fui. Estava muito quente e um sol escaldante me tirou qualquer ânimo para sair de casa. O que não me impediu de fazer as minhas reflexões... Pensei comigo: os que já se foram na verdade não estão no cemitério; lá só estão alguns fragmentos do que formava seus corpos; também tem as fotos, mas fotos temos nos álbuns de família... Na verdade, os nossos antepassados estão vivos naquilo que eles nos deixaram: nos seus descendentes (filhos, netos, bisnetos...); nas suas obras (famílias, casas, negócios, artes, ...); nos seus ensinamentos (filhos, alunos, livros, ...); nos seus amigos que ficaram e que lhes trazem na memória; nas fotos (estas são quase eternas), e nas páginas da nossa História. Não é preciso ser um grande herói para ficar na História; a História também foi construída por anônimos. Quase tudo que vemos a nossa volta é fruto do trabalho e de ações dos nossos antepassados. Foram eles que fundaram cidades e abriram ruas; foram eles que desenvolveram técnicas e tecnologias que nos permitiram viver no sofisticado mundo em que vivemos hoje. Os computadores mais modernos são o aperfeiçoamento de antigas máquinas de calcular e tudo segue uma evolução que começou com nossos antepassados – próximos ou distantes. Por isso, no Dia de Finados devemos agradecer aos nossos familiares que já se foram pela herança – moral e material – que nos deixaram.

A vida continua e o que deixaremos nesta vida – o que nos manterá vivos mesmo depois da nossa partida – são as obras que construímos e o amor dos nossos familiares e amigos.

Assim como nossos antepassados vivem em nós, nós também viveremos em nossos descendentes, e nas obras que deixaremos para a posteridade.

DEUS É QUEM SABE...

Nas últimas semanas, quando muita gente já sabia das condições de vida da mãe e eu comentava que a melhor coisa que poderia lhe acontecer era ela dormir e não mais acordar; quase todos diziam a mesma coisa: “Deus é quem sabe; não podemos fazer nada...”.

Mas, não é assim que eu penso. No meu livro “Vencendo a Morte” eu defendo a eutanásia (boa morte) como um direito que cada pessoa deveria ter. Quando uma pessoa já não tem mais perspectivas de melhorar (caso esteja doente) ou não tenha mais razão para viver e ainda esteja sofrendo, ou na iminência de um sofrimento, não temos que esperar por deus nenhum; temos sim é que fazer o que é melhor para aquela pessoa – ou seja: dar-lhe uma morte digna e sem dor.

A medicina tem perfeitas condições de fazer isso; mas existe uma lei estúpida – baseada em deuses imaginários, criados por homens ignorantes de um passado distante – que não permite tal gesto de grandeza.

Felizmente, no caso da minha mãe, Deus ajudou (pelo menos eu acho que ajudou) e ela não chegou a sofrer como tantos outros casos que eu conheço: de pessoas que agonizaram por meses e até anos num sofrimento completamente inútil.

Se alguém vier me dizer que preferia ver a minha mãe sofrer por mais uns meses antes do seu último descanso, vai comprar uma briga feia comigo. E o que eu quis de bom para a minha mãe eu também quero para toda a humanidade.

É por isso que eu vou dedicar parte da minha vida para lutar pelo direito que todos devem ter de chegar ao fim de sua vida e poder dormir o seu ‘último sono’ sem sofrer, ou com um mínimo de sofrimento.

Eu sei que vou ter que enfrentar muitos ‘demônios’ – que se arrogam falar em nome de Deus – para defender a minha causa; mas não tem problema. Contra os ‘demônios’ da estupidez e da ignorância eu tenho a minha inteligência e o conhecimento sobre a ignorância alheia. E com estas armas eu já ‘matei’ muitos ‘demônios’ por aí; e vou continuar lutando até que os homens se livrem da escravidão de suas ignorâncias.

HISTÓRIAS E DEPOIMENTOS SOBRE A DONA ODETE:

AS PINTURAS DAS PINTORAS

Me contou a Édila (sobrinha da mãe), que a mãe dela (a tia Eli) contou pra ela (nesta época ela nem era nascida, ainda), que quando eles moravam lá no Tupancy – num fundo de campo, no interior de São Sepé – quase tudo era feito em casa – evidentemente que não havia nenhum mercado por perto. Faziam pães, colhiam frutas, plantavam... Até as roupas eram, a maioria, feitas em casa.

Numa ocasião, ia ter uma festa na casa do tio Kido e as mulheres, além de arrumar os comes-e-bebes, limpar a casa e etc., ainda se prontificaram para passar uma demão de cal no rancho. E a mãe, que era ainda uma adolescente de uns 14 anos, e vizinha da casa deles, estava junto naquelas arrumações. O problema é que a Odete mais fazia bagunça do que ajudava. Enquanto a tia Eli pintava a parte de cima de uma parede, trepada numa cadeira, ela pintava a parte de baixo. Mas, como guria arteira que era, às vezes ela fingia que errava a parede e pintava as pernas da tia Eli; que xingava a Odete e quase caía da cadeira. Mas tudo acabava em gargalhadas. No final das contas, elas saíram mais ‘bem pintadas’ do que a parede. Por sorte era cal e saía fácil, no banho; senão elas iam ter que caprichar na maquiagem pra esconder as manchas das ‘pinturas’, depois.

Esta história, a Édila me contou pra dizer que a minha mãe (a Odete) e a mãe dela (a tia Eli) sempre foram muito amigas. Diz ela que a tia Eli sempre gostou muito da mãe; e é por isso que a Édila saiu parecida com ela. Eu, que mal conheci a tia Eli, mas que conheço a Édila, posso garantir que é verdade mesmo – são poucas as pessoas que são tão queridas por todos, como essas duas.

A Édila me contou, também, que a mãe ensinava pra ela tudo o que aprendia: receitas de bolo, comidas, cortes de vestido, ... e, principalmente, pontos de crochê – isso quando a Édila tinha só uns 10 anos. Pra elas, tudo era brincadeira e diversão.

A Édila também lembrou, com certa saudade, como eram amigas e felizes aquelas famílias de antigamente.

A Édila foi uma das que esteve presente no último aniversário da mãe, em 2013 – foi a primeira a chegar... Ela me disse que só lembra de coisas boas da mãe: desde a sua infância até os dias de hoje – quando lembra dela com saudade dos bons tempos em que puderam conviver.

OS BAILES DA DOMINGUEIRA

O Valnei (sobrinho da mãe) me contou do seu tempo de infância – lá pelos anos 50 e poucos – em que moravam pra fora e eram vizinhos do pai e da mãe. Nesta época ele era parceiro de brincadeiras do Abegai (do Biga) e estavam sempre aprontando alguma, conforme ele me disse:

A tia Odete não se importava muito com as nossas artes; só que, de vez em quando, ela aparecia para dar uma olhada e trazia uns biscoitos pra gente 'sujar os dente' (como ela dizia) e aproveitava pra recomendar o Biga: cuidado para não cair desta laranjeira! Se teu pai te pega subindo nesta altura... O Abegai era medonho, naquela época...

O Sérgio era quase dois anos mais novo que nós; também era mais quieto e quase não se metia nas nossas brincadeiras.

Também teve uma época em que nós ajudamos o tio Keno a tosquiar ovelhas – ali não dava pra brincar muito...

Essas eu me lembro da minha infância. Mas teve uma, mais recente: quando eu e a Alba, fomos num dos bailes da Domingueira e a tia Odete tinha sido escolhida uma das princesas da festa. Aproveitei para dançar uma 'marca' com ela. Depois ainda batemos uma foto...

Também fomos nos aniversários dos 80 e dos 90, e de outros que nem me lembro agora...

A tia Odete sempre foi daquelas pessoas que todo mundo que conhece, gosta. Sempre tranqüila e bondosa com todos. Eu nunca vi a tia Odete braba com ninguém. Tudo que eu lembro dela são boas lembranças.

O BAILE DO CASAMENTO

A llage me contou que conheceu a mãe quando ela começou a namorar o pai – que era tio e padrinho dela. Na verdade, elas até já se conheciam, pois moravam próximas, nos campos lá de fora, mas ficaram mais próximas ainda quando começou o namoro do pai e da mãe. A família da mãe era vizinha de campo (lindeiros) da família dela... Nesta época a llage era ainda uma guria de uns 8 anos e a mãe já era uma moça de uns 17 anos – me disse a llage que a mãe era muito bonita, naquela época. Não era à toa que o pai – que morava aqui perto da cidade (nos fundos da chácara onde eu me criei) – ia seguido lá fora visitar a tia Almerinda (que eu não conheci) e se engrajar para a jovem e bela Odete.

Quando o pai e a mãe se casaram (em 1940), a llage não só ganhou mais uma tia e madrinha, como também começou a namorar o Carlos – com quem veio a se casar depois...

Dizem que o baile do casamento do pai e da mãe – no salão do tio Nico e da tia Odete, animado por gaita, violão e pandeiro, e a luz de *candiêro* – *tava* tão bom que rendeu alguns namoros que viraram casamentos, mais tarde. E um deles foi o da llage com o Carlos.

Mas não foi só por isso que a llage tinha a mãe como uma grande madrinha; ela também me disse que sempre considerou a mãe (a tia Odete, como ela diz) uma pessoa maravilhosa pois estava sempre querendo agradar.

A llage também me contou que foi a mãe que ensinou ela a ler e escrever – quando ela foi para a escola (com 9 anos) já sabia ler e escrever, graças a “tia Odete”...

A llage e a mãe também eram primas, já que o pai da llage (tio Kedo) era tio da mãe (irmão do vô Alcides).

Naquela época as famílias viviam isoladas em comunidades rurais – pois as distâncias eram grandes – e acabavam casando com parentes ou vizinhos das mesmas comunidades...

A 'SUPERVISORA' DAS GURIAS DOS BAILES

A Margene (sobrinha da mãe) me contou que quando as gurias queriam ir nos bailes da cidade – já que elas moravam pra fora – elas vinham de carroça e 'acampavam' na casa da mãe (na chácara) e de lá iam, em bando, e a pé (cerca de 2 km), *pros baile* do Clube do Comércio. A mãe era a 'supervisora' do grupo. Pra tirar uma das gurias pra dançar, o gaudério tinha que, antes, pedir autorização pra mãe (a tia Odete, como diz a Margene) – que sempre recomendava pra não sair do 'olho dela'...

Mesmo assim, disse a Margene, nunca ninguém teve queixa da mãe – nem naquela época e nem depois. Ela sempre foi muito boa pra todos e nunca fazia causo de nada...

Quando a mãe já tinha mais de 80 anos e ficava na casa da Margene, em épocas que eu tinha que viajar, ela me disse que: *pra tia Odete sempre tava tudo bem. Ela nunca se queixava de nada; só ficava apreensiva no dia de ir embora; quando olhava o relógio e perguntava se já não era hora do Celso chegar, para vir buscá-la.*

A Eneida (outra sobrinha da mãe e que também era uma das "gurias dos baile") sempre me dizia, quando eu deixava a mãe por lá, para dar as minhas voltas, que passado uma meia-hora ela já começava a perguntar:

– Onde andaré o Celso? Será que ele esqueceu de vir me buscar...

Quando eu aparecia, a Eneida me dizia que a mãe já tava ansiosa, perguntando por mim.

Por mais que a mãe fosse bem tratada nas casas dos outros e que gostasse de passear e conversar com as amigas, ela gostava mesmo é da casa dela.

MÃE DE CRIAÇÃO

A Telma (outra sobrinha) me contou que a mãe, depois que perdeu as filhas pequenas, ajudou a criar a Santinha – uma afilhada que ela tinha...

Mais tarde – eu sei, porque cheguei a conhecer – ela também ajudou a criar o “*Nêgo* Luiz” (como era conhecido, por ser preto). Naqueles tempos, os negros eram segregados das famílias (tratados como ‘diferentes’). Mas pra mãe, até onde eu sei, o *Nêgo* Luiz era tratado como filho, igual aos outros – que já não moravam mais em casa, enquanto eu era ainda muito pequeno.

Uma vez – há muitos anos – o *Nêgo* Luiz apareceu lá em casa pra ver a mãe e mostrar uma foto da sua família... Não lembro bem onde ele estava morando, mas me parece que era numa cidade distante. O importante é que ele construiu sua vida por lá, estava feliz e disse que nunca ia esquecer do que a mãe fizera por ele, na sua infância...

A HOSPITALIDADE DA CASA

A Eronilda (nora da mãe) me contou que conheceu o Abegai (meu irmão mais velho) quando viajavam, ela e a sua irmã Luiza, de Porto Alegre para Santa Maria – terra da mãe dela. Naquela época o ônibus passava por São Sepé para chegar em Santa Maria.

Tempos depois eles se reencontraram novamente no centro de Porto Alegre – na Rua da Praia – e logo em seguida começaram a namorar...

Quando já estavam noivos (em 1961), o Abegai trouxe as gurias – a Nida (Eronilda) e a sua irmã Luiza para passar um carnaval em São Sepé. Foi aí que elas conheceram a mãe e a hospitalidade da casa. Diz a Nida que a sua irmã Luiza nunca mais esqueceu das coisas boas que comeram na casa da dona Odete. Ela também não esqueceu, mas como também passou a fazer parte da família – depois que casou com o Abegai (em 1962) – continuou sendo muito bem recebida na casa da dona Odete e do seu Keno – como ela sempre diz.

Quando o Giovani nasceu, em 1965, foi a vez de nós conhecermos Porto Alegre e a hospitalidade da casa deles – que também foi de primeira...

Diz a Nida que a primeira coisa que eu fiz, quando cheguei no apartamento deles, foi ir mexer num relógio – coisa de criança que não pode ver uma novidade...

Nas primeiras vindas deles a São Sepé, depois de casados mas ainda sem terem um carro, a Nida lembra das idas, da chácara para a cidade, numa charrete apelidada de “arranha” – por ter as rodas grandes e correr bastante. Era o nosso ‘carro de luxo’...

E assim convivemos por longos anos como uma grande família. Nas festas de fim-de-ano era comum nos reunirmos em Porto Alegre ou em São Sepé – ou em Santa Cruz (onde eles moraram por muitos anos, depois que saíram de Porto Alegre); ou nós íamos na casa deles ou eles vinham na nossa.

O Abegai faleceu em 1992(?) mas isso não mudou em nada a relação da Nida com a mãe. A gente continuou indo nos natais em Santa Cruz e eles – a Nida e os filhos – continuaram nos visitando com alguma freqüência...

No ano 2000 a mãe fez 80 anos e nós caprichamos na festinha. A Nida veio de Santa Cruz, para o aniversário da mãe, e ficou por uns dias – como era de costume, a gente sempre passava uns dias na casa deles e eles na nossa... Mas foi desta feita que a mãe convidou a Nida para irem na Domingueira do clube – um baile da melhor idade – e por lá a Nida conheceu o Sidinei; com quem começou um namoro que dura até hoje. Resultado: a Nida se mudou pra São Sepé e ficou ainda mais próxima da mãe – que para ela sempre foi uma segunda mãe.

Freqüentemente eu deixava a mãe com a Nida e o Sidinei para fazer as minhas viagens; ou mesmo para passar um domingo. Mesmo com a Nida morando num bairro mais distante, a gente pegava um táxi e era sempre uma boa opção de passeio para a mãe, que sempre gostou de passear – principalmente nos domingos.

Nos aniversários de uma ou de outra, elas estavam sempre presente – nós, porque eu também ia...

Não foi por acaso que a Nida e o Sidinei estavam no último aniversário da mãe em 2013; e sentiram muito a sua morte, logo depois – pois eles consideraram a mãe como madrinha do casamento deles.

Por enquanto, são estas as histórias que eu tenho de algumas das pessoas que conviveram com a mãe. Conforme forem aparecendo outras, eu vou acrescentando...

LISTA DE PRESENTES NO ANIVERSÁRIO DE 90 ANOS DA DONA ODETE

FILHO: Celso Afonso Brum Sagastume (único ainda vivo)

NETOS: Giovani (e Jana), Luciano (e Fabiane)

BISNETOS: Luani, Juan e Laura

SOBRINHOS:

Édila, Darci, Neci (e Clélia) – filhos de Kido (e Eli)

Telma (e Lisiane), Margene (e Eraco), Valnei (e Alba) – filhos de Armando (e Lia)

Giselda (e Cátia) – filha da Magi, que é filha de Miroca (e Seleni)

Élvio (e Cema), Mari, Elver Antônio, Eloni (e Marli) – filhos de Odite e Nico

Margesse (e Bebê + Duda, Elis e filhas), Lídia (e Renato + Renata e Juliano),

Marisa (e Victor), Zoraia (e Valdir) – filhos de Dulce (e Saul)

Ilage, Branca – filhos de Almerinda e Kedo

PARENTES OU PRÓXIMOS:

Eronilda e Sidinei, Silvio e dona Nair, Elaine, Leci, Lurdes (mãe do Sidinei)

COMADRES, AFILHADOS E AMIGOS:

Neli, Ofélia, Leonel, Juarez e Elza (mãe do Juarez)

OUTROS: Édila, Celaine, Lucimara e Sândrega

VIZINHAS: Lurdes, Talita, Terezinha, Nelda

DE FORA DE SÃO SEPÉ:

Santa Maria: Elaine, Vilson e Isa, Leonel e esposa, Lucimara e filho

Santa Cruz: Luciano e Fabiane, Luani, Juan e Laurinha

Porto Alegre: Giovani e Jana, Marisa e Victor, Zoraia e Valdir

TOTAL DE PESSOAS PRESENTES: ~ 90



OUTROS TRABALHOS MEUS:

- A Busca da Felicidade através das Relações Humanas
- Utopia Real – "Um Outro Mundo é Possível"
- Autobiografia – Não autorizada (Versão virtual grátis)
- Como Realizar Sonhos e Desejos
- Diário Ilustrado de um Viajante Aventureiro
- Histórias de um Gaudério dos Festivais (Versão virtual grátis)
- Histórias do Carnaval de Laguna (Versão virtual grátis)
- Reflexões sobre a Vida
- Vencendo a Morte – Uma análise filosófica
- Aventuras pelos Carnavais do Brasil (Versão virtual grátis)
- Histórias de crimes e criminosos
- Como ganhar e multiplicar dinheiro
- Coleção Biografias Virtuais – Volume I – John Lennon
- Livro Virtual* em CD-ROM

Para saber mais, faça uma pesquisa na internet; ou entre em contato
E-Mail: celsoabs@plugnet.psi.br

*O LIVRO VIRTUAL é uma evolução tecnológica que permite ilustrar músicas, textos, poesias, pensamentos, etc., com belíssimas imagens (fotos, desenhos, pinturas, ...), trilhas e efeitos sonoros. Além de permitir incluir num simples CD mais de dez livros, com baixo custo de produção. O que possibilita a comercialização de um produto de altíssima qualidade por um valor acessível a todos.

SUMÁRIO DE TÍTULOS DO LIVRO VIRTUAL

- 25 Apresentações de Slides ilustrando Músicas Brasileiras de autores como: Caetano Veloso, Chico Buarque, Milton Nascimento, Raul Seixas, Lulu Santos, etc.
- 12 Apresentações de Slides ilustrando Músicas Internacionais, de autores como: John Lennon, Bob Dylan, Elton John, Mercedes Sosa, etc. – com letra em inglês e tradução em português.
- Dezenas de Poesias ilustradas, de autores como: Mário Quintana, Thiago de Mello, Pablo Neruda, Kahlil Gibran, etc.
- Dezenas de textos reflexivos e pensamentos, de autores como: Jorge Luiz Borges, Gabriel García Márquez, Rubem Alves, Chico Xavier, etc.
- Assuntos como: ecologia, viagens, geografia, saúde, artes, etc.
- 12 Títulos de Humor e muito mais...

Para saber mais entre em contato. E-Mail: editora-reflexao@bol.com.br